

A LITERATURA E O LEITOR

Vera Teixeira de Aguiar
PUCRS

Ao salientar a pouca ou nenhuma contribuição que as teorias da literatura trazem para a qualificação da leitura escolar, Marisa Lajolo¹ está enfatizando a falência das relações entre a teoria e a prática no âmbito da literatura. O intercâmbio entre ambas significaria uma re-alimentação mútua, uma vez que a teoria forneceria os fundamentos necessários para se chegar a uma leitura produtiva, sumariando resultados de observações específicas, de modo a dar uma base para explicação e predição da realidade do processo literário. Da mesma forma, a prática poderia verificar as teorias já criadas, esclarecendo conceitos, sugerindo novas fundamentações ou ampliando as já existentes. No entanto, esse intercâmbio entre teoria (ou teorias, como quer a Autora) da literatura e leitura na escola está fadado ao fracasso.

As causas dessa situação remontam à postura que, historicamente, as diferentes teorias da literatura têm defendido: os estudos literários privilegiam sempre o texto, em sua estrutura interna ou em suas relações com o produtor e o contexto em que foi produzido. Mas a literatura, como fenômeno social orgânico, só passa a existir no momento em que interagem três elementos distintos: "um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo

transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros"². Portanto, ao se deixar fora da reflexão o estatuto do leitor, está-se alijando do processo de comunicação literária um de seus elementos fundamentais.

A estética da recepção, ao trazer para o centro da pesquisa a instância do leitor, como elemento ativo do circuito da literatura, está recuperando o fator até agora esquecido, dando conta do fenômeno literário de forma global. Pois, se o texto é um produto cultural carregado de sentidos, a atualização e a recriação desses sentidos são obra do leitor. Segundo Ingarden³, a obra de arte é uma formação esquematizada, com pontos de indeterminação parcialmente preenchidos no ato de leitura. Diferentes concretizações podem evidenciar aspectos variados, sendo válidas se estiverem desenvolvendo índices fornecidos pela própria estrutura da obra. Vale dizer que a obra é suficientemente aberta para permitir muitas leituras, mas essa multiplicidade não se estende ao infinito: o leitor pode fazer tantas combinações quantas o texto sugerir, mas apenas essas. A obra, como projeto organizado, fornece ao sujeito as pistas possíveis para a leitura e, dentro desse espaço, move-se a liberdade do leitor. Iser⁴ vai além, quando afirma que a indeterminação do texto, estruturalmente localizável em seus vazios e suas negações, é desafio para a tarefa do leitor. O texto funciona como provocação por sua estrutura dialógica, problematizando o leitor, à medida que esse reage ao seu código, constituindo novos sentidos.

As diferentes atualizações do texto pelo leitor modificam a obra literária e esse processo de produção e recepção estética determina a própria história da literatura. A obra permanece viva enquanto pode se relacionar com o leitor. Sua medida de aceitação é o que Jauss denomina de "horizonte de expectativas"⁵, "soma de comportamentos, conhecimentos e idéias pré-concebidas com que se depara uma obra no momento de sua aparição e segundo a qual é medida"⁶. Um texto pode satisfazer o horizonte de expectativas dos leitores ou provocar sua alteração em maior ou menor grau.

Quando se procura refletir sobre a leitura na escola e a qualidade de recepção possível, isto é, sobre o tipo de relações que se

estabelecem entre as diferentes obras e o público leitor, a teoria da estética recepional pode iluminar a questão, oferecendo os indicadores necessários para que se desenvolvam os estudos em torno do leitor. Para o delineamento do tipo de leitor presente em momento histórico e social definido, contribui a investigação dos interesses de leitura. Esses interesses são gerados por necessidades que têm a ver com as características pessoais dos sujeitos em confronto com todo o contexto social, econômico e cultural em que se inserem. São necessidades vivenciais, que oscilam de acordo com uma série de fatores, entre eles a idade, a escolaridade, o sexo e o nível sócio-econômico.

A idade do leitor influencia seus interesses: a criança, o adolescente e o adulto têm preferência por textos diferentes. Mesmo dentro de cada período da vida humana, essas expectativas modificam-se, à medida em que se dá o amadurecimento do indivíduo. Richard Bamberger⁷ identifica cinco idades de leitura, que abrangem a infância e a adolescência:

1^o fase: Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis (de 2 a 5 ou 6 anos). É a fase de egocentrismo, em que a criança faz pouca distinção entre o mundo externo e o interno. O interesse por cenas individuais, em se distinguem objetos de seu meio, vai atender à necessidade infantil de estabelecer os limites do "eu" e do mundo.

2^o fase: Idade do conto de fadas (5 a 8 ou 9 anos). De posse de uma mentalidade mágica, o leitor vai buscar, nos contos de fadas, lendas, mitos e fábulas, a simbologia necessária à elaboração de suas vivências. Através da fantasia, resolve seus conflitos e adapta-se melhor no mundo.

3^o fase: Idade da história ambiental e da leitura factual (9 a 12 anos). É a fase intermediária, em que persistem vestígios do pensamento mágico, mas a criança começa a orientar-se mais para o real. Via de regra, o leitor escolhe, neste período, histórias que lhe apresentam o mundo como ele é, através da percepção mágica de determinado personagem. A leitura vai facilitar-lhe a apropriação da realidade, sem romper com o estágio da fantasia, que ainda não abandonou de todo.

4^o fase: Idade da história de aventuras ou fase de leitura

apsicológica, orientada para as sensações (12 a 14 anos). É o período da pré-adolescência, em que o conhecimento da própria personalidade e o desenvolvimento dos processos agressivos ativam a vivência social e a formação de grupos. As preferências de leitura correspondem às necessidades do leitor e podem ser satisfeitas através de enredos sensacionalistas, histórias vividas por gangues, personagens diabólicas, histórias sentimentais.

5º fase: Os anos de maturidade ou o desenvolvimento da esfera lítero-estética de leitura (14 a 17 anos). Descobrimo o mundo interior e o mundo dos valores, o adolescente parte para a hierarquização dos conceitos e a organização de seu universo. Aventuras de conteúdo mais intelectual, viagens, romances históricos e biográficos, histórias de amor, literatura engajada e temas relacionados com os interesses vocacionais vão ajudá-lo a orientar-se e estruturar-se como adulto.

Os interesses do leitor variam em qualidade, de acordo com a escolaridade do aluno. Neste sentido, pode-se também delinear cinco níveis de leitura:

1º Pré-leitura: Durante a pré-escola e o período preparatório para a alfabetização, a criança desenvolve capacidades e habilidades que a tornarão apta à aprendizagem da leitura. A construção dos símbolos, o desenvolvimento da linguagem oral e da percepção permitem o estabelecimento de relações entre as imagens e as palavras. As expectativas voltam-se, nesta fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta de sentido muito mais através da linguagem visual que da verbal.

2º Leitura compreensiva: É o período correspondente ao momento da alfabetização (primeira e segunda séries), em que a criança começa a decifrar o código escrito e faz uma leitura silábica e de palavras. A motivação para ler é muito grande e a escolha recai sobre textos semelhantes aos da etapa anterior, agora decodificados pelo novo leitor.

3º Leitura interpretativa: Da terceira à quinta série o aluno evolui da simples compreensão imediata à interpretação das idéias do texto, adquirindo fluência no ato de ler. A aquisição de concei-

tos de espaço, tempo e causa, bem como o desenvolvimento das capacidades de classificar, ordenar e enumerar dados permitem que o estudante se adentre mais nos textos e exija leituras mais complexas.

4º Iniciação à leitura crítica: Em torno da sexta e sétima série, o estudante atinge o estágio de desenvolvimento que Piaget denomina "das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos"⁸. A capacidade de discernimento do real e a maior experiência de leitura favorecem o exercício de habilidades críticas, permitindo ao leitor não só interpretar os dados fornecidos pelo texto, como também posicionar-se diante deles, iniciando-se nos juízos de valor. As preferências por livros de aventuras, em que os problemas são resolvidos por grupos de jovens, vêm preencher as necessidades do leitor de iniciar-se no questionamento da realidade, ampliando sua dimensão social.

5º Leitura crítica: É o período que abrange a oitava série e o segundo grau, quando o aluno elabora seus juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos. Sensível aos problemas sociais, o jovem interroga-se sobre suas possibilidades de atuação na comunidade adulta. A busca da identidade individual e social e o maior exercício da leitura têm como dividendo uma postura crítica diante dos textos, através da comparação de idéias, da conclusão, da tomada de posições. Livros que abordam problemas sociais e psicológicos interessam ao aluno deste nível, possibilitando-lhe a reflexão e a opção por comportamentos que descobre como mais justos e mais autênticos.

Como a idade e a escolaridade, o sexo é fator determinante dos interesses de leitura. Fatores biológicos e, principalmente, culturais determinam diferenças de comportamento entre os sexos. Uma dessas diferenças diz respeito à atitude diante da leitura. Os homens escolhem os temas mais arrojados (aventuras, viagens, ficção científica), enquanto as mulheres se voltam para as histórias de amor, romances, vida familiar, crianças. Tais tendências estão intimamente relacionadas aos fatores culturais. Na verdade, a sociedade cria estereótipos de comportamento para o homem e para a mulher e esses dirigem suas atitudes e interesses. Portanto,

suas preferências literárias correspondem aos padrões sociais: o sexo masculino envolve-se em atividades agressivas de luta pelo sucesso e pela sobrevivência, enquanto ao sexo feminino são atribuídas atitudes mais passivas, voltadas para o trabalho doméstico, a educação dos filhos e tarefas afins. As preferências de leitura correspondem à necessidade de cada sexo cumprir o papel social que lhe é confiado.

Questionados sobre suas preferências literárias, em pesquisa realizada em Porto Alegre — RS, os estudantes confirmam este perfil⁹. Os meninos revelam maior comprometimento com o real e atração por histórias que se passam em tempos e lugares distantes, enquanto as meninas escolhem os elementos de fantasia, próximos no tempo e no espaço. Essas tendências revelam um melhor aparelhamento para se movimentar na sociedade e um percepção mais ampla de mundo no sexo masculino, restando ao sexo feminino reações escapistas, dentro de um espaço social limitado.

Os interesses variam, ainda, de acordo com o nível sócio-econômico do público leitor, observando-se o sucesso dos textos em que predominam os ingredientes mágicos entre os estudantes menos favorecidos e a busca de leitura engajada entre os privilegiados⁹. A leitura vem satisfazer, em cada grupo, um tipo de necessidade social: para os primeiros, supre carências e aponta para um mundo melhor; para os últimos, serve de instrumento de apropriação do real, de forma a favorecer a adaptação social e a promoção.

A partir do conhecimento do tipo de público existente, pode-se refletir sobre a prática de leitura possível. Pesquisas sobre os interesses contribuem para a elaboração de um perfil de leitor em determinado contexto histórico-social. Para tal, faz-se mister o registro do entrecruzamento das atitudes fundadas nos fatores citados acima e em tantos outros como, por exemplo, as experiências anteriores de leitura do sujeito. Pode-se chegar, então, ao conhecimento dos códigos estéticos e ideológicos de que o mesmo se vale no ato de leitura. Ao entrar em contato com a obra literária, ele vai encontrar resposta às questões que levanta e,

em troca, ser pela mesma questionado. O texto atende às suas expectativas ou rompe com o esperado, suscitando indagações que o provocam. Contudo, essa ruptura nunca é completa, para que a obra possa continuar se reconhecendo como tal.

Quando o ato de ler se configura, preferencialmente, como atendimento às expectativas do leitor, desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, motivando o prazer da leitura. Por outro lado, quando a ruptura com o horizonte de expectativas é incisiva, instaura-se o diálogo e o conseqüente questionamento das propostas inovadoras da obra lida, alargando-se o horizonte cultural do leitor. O dividendo final é novamente o prazer da leitura, agora como apropriação de um mundo inesperado.

O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de formas alternativas de ser e de viver. A tensão entre esses dois pólos patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura. Para que tal aconteça, a teoria da literatura pode contribuir definitivamente, atentando para a categoria do leitor no circuito total da comunicação literária. Restabelecem-se, assim, as relações entre a teoria e a prática, saindo ambas, teoria da literatura e leitura na escola, reabastecidas para melhor cumprirem suas funções.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ LAJOLO, Marisa. A teoria da literatura e a leitura na escola. (mimeo.)
- ² CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 1^o vol. São Paulo, Martins, 1962, p. 25.
- ³ INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.
- ⁴ ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luís Costa (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ⁵ JAUSS, Hans Robert. La historia literaria como desafio a la ciencia literaria. In: *La actual ciencia literaria alemana*. Seis estudios sobre el texto y su ambiente. Salamanca, Anaya, 1971.
- ⁶ ROTHE, Arnold. O papel do leitor na crítica alemã contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, (39):10, mar, 1980.
- ⁷ BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1977.
- ⁸ PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1964.
- ⁹ AGUIAR, Vera Teixeira de. *Que livro indicar? Interesses do leitor jovem*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.